Ser a arte “naíf”, a arte da espontaneidade, da criatividade autêntica, onde o artista expande seu universo particular, não implica que a sua qualidade seja inferior. Aliás, nenhuma obra artística que acumule valores e técnicas que possam ser apreciadas por alguém, pode ser chamada de inferior. A questão de gosto ou desejos estéticos é que nos coloca como críticos deste ou daquele trabalho artístico. Fora disso, o que sobra é a arrogância ou excesso de exigências de quem quer ser apenas mais um “general da banda” dos seus gostos exclusivos.

O artista que exercita a pintura “naif” plaina numa faixa próxima à arte infantil, da arte do deficiente mental e da arte primitiva, sem que, no entanto, se confunda com elas. A sua ingenuidade geralmente se expõe no excesso das poses, na total ausência de perspectivas e nos elementos decorativos que a circundam, onde as cores primárias são uma constante.

A artista plástica Tiita é a nossa autentica representante nessa linguagem. E como é bom mergulharmos no seu universo recheado de religiosidade, onde a simetria ornamental enquadra as imagens como em um andor, um altar, nos remetendo aos nossas mais recônditas memórias da fé. Mas tem também na sua coletiva exposta no Museu Zé de Dome (Cáritas), as brincadeiras de crianças, as flores, os vasos, as plantas, os elfos, as festas ou quase tudo que a artista pôde buscar do seu imaginário para expressar a leveza desequilibrada dessa arte, quando a composição tem de ser e recheá-la de sugestões de envolvimentos e adornos no uso das tonalidades quando ela necessita da sua dramaticidade.

Nas composições fora do espirito religioso e das naturezas mortas, o que sobressai na obra da Tiita é o movimento. A maioria dos artistas da arte “naif”, a princípio, não se preocupa em preservar as proporções naturais nem os dados anatômicos corretos das figuras que representa, por isso optam por uma figuração sem compromisso fotográfico com a realidade, onde tentam dar a noção de movimento enchendo a tela de figuras e personagens para que o apreciador apenas tenha essa sensação.

Já a Tiita usa poucos personagens, procurando os movimentos fugindo da posições frontais, nas obras fora do âmbito religioso, nos levando a sensações infinitas diante do seu processo de criação e

elaboração. Visitar a coletiva da artista, ao mesmo tempo, que nos eleva de magia e sensações infinitas, também nos incentiva a enaltecer a sua grandiosidade de produção.